

RECENSÃO

Autor:

Fernando Nabais

fernabais@gmail.com

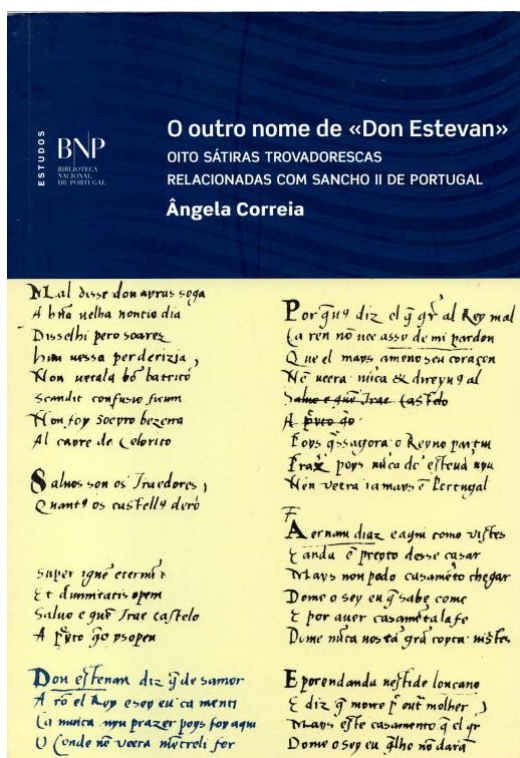
Título:

Ângela Correia, *O outro nome de «Dom Estevan»: oito sátiras trovadorescas relacionadas com Sancho II de Portugal*, Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, 2021.

Como citar esta recensão:

Fernando Nabais, «Recensão crítica de Ângela Correia, *O outro nome de «Dom Estevan»: oito sátiras trovadorescas relacionadas com Sancho II de Portugal*, Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, 2021», *Guarecer. Revista Electrónica de Estudos Medievais*, vol. 6, 2021, pp. 215-219.

DOI: 10.21747/21839301/gua6r3



Ângela Correia

***O outro nome de «Dom Estevan»:
oito sátiras trovadorescas
relacionadas com Sancho II de
Portugal***

Lisboa,
Biblioteca Nacional de Portugal
2021

Ângela Correia dedica um livro inteiro a um dos ciclos trovadorescos, neste caso, constituído por um conjunto de cantigas satíricas da lírica profana galego-portuguesa em que o visado é um «Dom Estevan». Louve-se, antes de mais, esta *sede* hermenêutica, que obriga e deverá obrigar a uma constante revisitação do *corpus* trovadoresco. Esta necessidade mantém-se e parece ser cada vez mais cultivada, entre edições críticas e estudos como o que agora comentamos.

Na Introdução, a autora anuncia a tese: o nome do visado nas cantigas esconde outro nome. Aliás, o título da obra é exactamente *O outro nome de «Don Estevan»: oito sátiras trovadorescas relacionadas com Sancho II de Portugal*. Assim, na p. 14, a investigadora já declara ao que vem: o verdadeiro nome da, por assim dizer, personagem principal é Joam Viegas de Portocarreiro, arcebispo de Braga entre 1245 e 1255.

Como o título também indica, estas sátiras, apesar de apontarem para um nome, estão relacionadas com Sancho II e com a crise de 1245-1248. Joam Viegas de Portocarreiro, tendo embora começado ao lado do rei que viria a ser considerado “inútil”, passou-se para o partido do Conde de Boulogne, o futuro Afonso III.

A tese fica apresentada, e sintetizados estão também os principais argumentos. Partindo do texto *Don Estevan, que lhi non agradece*, de Joam Soares Coelho, a autora afirma que o nome escolhido corresponde ao de alguém que Joam Viegas de Portocarreiro deveria imitar por ser, ele sim, um exemplo no que se refere ao comportamento na corte.

O nome escolhido pelos trovadores que participam neste ciclo, «Estêvão», seria, segundo a autora, uma referência a Estêvão Soares, que fora arcebispo de Braga entre

1213 e 1228. Este prelado terá mostrado uma série de virtudes: «capacidade diplomática e negocial, nacional e internacional, sendo um símbolo de poder, riqueza e capacidade política» (p. 12).

Ao ser renomeado, Joam Viegas de Portocarreiro passaria a ser digno do cargo. Ângela Correia chama, ainda, a atenção para a alcunha «*Torto* (meio cego)» por que era conhecido Estêvão Soares e que se adaptaria à dificuldade que Joam Viegas manifestava em compreender o que se passava à sua volta, tal como é descrito na cantiga de Joam Soares Coelho. Além disso, considera que a cantiga acima referida abre o ciclo e que, ao contrário do que acontece no «ciclo da Ama», também iniciado por Joam Soares Coelho, os trovadores participantes não irão contestar ou criticar o conteúdo do texto inaugural, antes o confirmando e reforçando.

A autora faz, ainda, uma alusão à cantiga *A lealdade da Bezerra pela Beira muit' anda*, de Airas Peres Vuitoron, considerando que o autor «qualifica precisamente Joam Viegas de Portocarreiro com o adjectivo “torto”», o que seria mais um sinal desse exercício de substituição do nome num texto pertencente a outro ciclo que também visaria o comportamento do arcebispo de Braga na disputa entre Sancho II e o irmão. De qualquer modo, parece-me que o adjectivo é usado não para qualificar o arcebispo, mas sim para classificar as acções dos alcaides.

No que resta da introdução, Ângela Correia irá apresentar uma proposta de desenvolvimento do ciclo, concluindo, na p. 20, que «no conjunto de oito cantigas satíricas que compuseram, em três tempos diferentes com três objetivos políticos diferentes, os quatro trovadores deixaram um retrato do arcebispo de Braga a que chamaram “Don Estevam” bastante consistente (...)».

Entre as pp. 23 e 130, a autora dedica-se à edição crítica e à interpretação dos textos. São mais de cem páginas de análise minuciosa de cada um dos oito poemas. A propósito da edição crítica, a nota 5 da p. 26 esclarece quais os critérios utilizados. Cada um dos textos é analisado em profundidade, convocando os saberes filológico, hermenêutico e histórico, num trabalho notável, que inclui, ainda, referências a um conjunto de muitos outros textos de diversas proveniências, que ajudam a explicar, por exemplo, o campo lexical de muitos termos utilizados nas cantigas. A autora, aliás, no último capítulo do livro, explicará essas opções metodológicas.

Depois da análise das cantigas, no capítulo «Um retrato retrata quem o fez», Ângela Correia sintetiza o trabalho feito a propósito de cada um dos cantares. No capítulo «Enquadramento histórico», são feitas referências aos três arcebispos de Braga, Estêvão Soares, Mestre Silvestre Godinho e Joam Viegas de Portocarreiro; à importância de algumas cidades na guerra civil de 1245-1248; à deposição de Sancho II; e termina com as biografias dos trovadores que participam no ciclo. Diga-se, a propósito, que este capítulo também faria sentido antes da análise das cantigas que formam o referido ciclo.

O penúltimo capítulo, «Interpretações recentes», faz a história das várias tentativas de identificar «Don Estevam», desde Carolina Michaelis até à actualidade. A

autora chama a atenção para os argumentos apresentados por Resende de Oliveira no capítulo que redigiu para a biografia de Afonso III, da autoria de Leontina Ventura. O estudioso apresenta fortes argumentos para pôr em dúvida a identificação do visado com Estêvão Anes, o chanceler de Afonso III, algo habitual nos estudos trovadorescos nos últimos cem anos.

«Algumas conclusões» é o título do último capítulo, que contém, como já se notou, preciosas indicações metodológicas no que se refere a um percurso hermenêutico claro e eficaz.

Ângela Correia, em 1996, no número 142 da *Colóquio Letras*, publicou o artigo «O outro nome da ama. Uma polémica suscitada pelo trovador Joam Soares Coelho», que mais tarde viria ser bem mais desenvolvido num livro dedicado ao mesmo tema. Nesse texto, apresentou argumentos fortes para a identificação da ama cantada pelo trovador em causa: o nome da mulher estaria mal escondido.

No presente livro, dedicado ao ciclo de «Don Estevam», fica clara a consistência da caracterização da personagem, o que é demonstrado pela análise criteriosa dos textos, reforçando a ideia de que o visado corresponde à mesma pessoa. Não me parece tão forte, no entanto, a identificação com Joam Viegas de Portocarreiro.

A eventual fragilidade dessa identificação, no entanto, não retira importância a uma obra que passa a constituir um momento importante na área, impondo-se como uma leitura rigorosa e desafiando, portanto, quem a queira pôr em causa, o que é fundamental. Além disso, pode e deve funcionar como mais uma convocatória para estudos deste género, porque não faltam ciclos e conjuntos de textos a necessitar de uma espécie de coragem hermenêutica para os enfrentar.